

AFINIDADE

CARLOS ALBERTO MENEZES DIREITO*

Membro do Conselho Estadual de Cultura do Estado do Rio de Janeiro

Os nossos tempos não oferecem muitas oportunidades à reflexão. É nosso dever, entretanto, criá-las. Por em dia as coisas do espírito não pode estar fora do nosso alcance. Depende, pois, de nós mesmos reservar o nosso momento de recolhimento.

Tenho pensado sobre o mistério que há no encontro entre as pessoas ao longo da vida. Em alguns casos é tal a intensidade que o tempo não é ingrediente para explicar a grande amizade nascida no instante mesmo de um encontro.

A fraternidade, isto é, o sentimento de irmão, além da família estrita, sangüínea, é o conceito mais corriqueiro para explicar aquele amigo que fazemos no nosso viver diário, e que nos acompanha a vida inteira.

Temos irmãos e temos amigos. Temos amigos que são irmãos. Dentre estes últimos temos os que vêm de longe e temos os que vêm de ontem.

Todos nós já passamos por sensações de igual tipo. De repente, encontramos pessoas das quais gostamos intensamente, parecendo que a época do conhecer recíproco se confunde com o período da existência de cada um, apesar de ter sido recente. Que mistério será esse?

Tenho refletido sobre aquilo que chamo de princípio das afinidades. Este nada mais é do que a substituição do tempo pela intensidade na relação interpessoal.

Nós sabemos que é complexa a relação entre duas pessoas. Não pode ser explicada na superfície, na aparência. Mas, é certo que no quadro humano do afeto, o encontro de duas pessoas, projetado além do momento inicial exige uma convergência de sentimentos. Estes sentimentos, de alguma forma, têm um conteúdo complementar de um para com o outro. Existe, assim, uma complementaridade de gostos, interesses, habilitações. E, claro, existe também o exercício mútuo da tolerância, da compreensão, do respeito. A ternura de um para com o outro é exemplar na razão direta da capacidade recíproca de doação e de recepção, frente ao preenchimento do espaço espiritual de cada pessoa envolvida na relação.

A descoberta desse encontro permanente não se faz sem o nosso esforço de cada dia. É necessário que nós saibamos cultivar a beleza de cada gesto humano que une e estreita, para torná-lo a corrente que liberta o verdadeiro amor, escondido em cada amizade.

A afinidade nasce sem sentir, mas requer a nossa dedicação para não se transformar em uma crisálida ressequida. Tudo está em nós. E nós podemos fazer da conquista de um momento a conquista de uma vida inteira. Vale a pena o esforço.

Em 09/9/83